

AS CARTAS DE PLÍNIO, O JOVEM: RECEPÇÃO E USOS DO PASSADO¹

Renata Cerqueira Barbosa²

Resumo: *Os estudos de recepção e usos do passado têm sido utilizados como novas ferramentas de análise nos Estudos Clássicos desenvolvidos no Brasil nas últimas décadas. Neste sentido, o presente artigo tem por objetivo trazer algumas informações a respeito da utilização das cartas de Plínio, o Jovem, a Tácito, no contexto da erupção do Monte Vesúvio em 79 E.C., bem como sua recepção e usos nos estudos posteriores ao acontecimento mencionado.*

Palavras-chave: *Recepção; Usos do passado; Plínio, o Jovem; Epístolas plinianas; Erupção do Vesúvio.*

THE LETTERS OF PLINY THE YOUNGER: RECEPTION AND USES OF THE PAST

Abstract: *Reception studies and uses of the past have been used as new analytical tools in Classical Studies developed in Brazil in recent decades. With this in mind, the aim of this article is to provide some information about the use of Pliny the Younger's letters to Tacitus in the context of the eruption of Mount Vesuvius in 79 C.E., as well as their reception and uses in studies following the event mentioned.*

Keywords: *Reception; Uses of the Past; Pliny the Younger; Plinian Epistles; Eruption of Vesuvius.*

Nas últimas décadas, novas pesquisas têm demonstrado o quanto as recepções de textos clássicos e seus usos, ideias, mitos e cultura visual e física estão no centro de inúmeros debates. Esses debates não apenas investi-

¹ Recebido em 11 de novembro de 2023 e aprovado em 20 de janeiro de 2024.

² Pesquisadora de Pós-doutorado da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP/Assis), sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Andréa Lúcia Dorini de Oliveira Carvalho Rossi. O título da pesquisa é "As mulheres nas cartas de Plínio, o Jovem". O presente trabalho foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) (Processo n.º 101666/2022-5). ORCID: [Orcid.org/0000-0003-2741-1195](https://orcid.org/0000-0003-2741-1195). E-mail: renata7barbosa@hotmail.com.

gam as características históricas e o impacto subsequente do mundo antigo, como também abrangem áreas relacionadas ao longo dos períodos intermediários – na educação, na prática artística e nos sentidos públicos e privados da identidade cultural. Assim como Lorna Hardwick e Christopher Stray (2008), por “recepções” queremos dizer as maneiras pelas quais o material foi transmitido, traduzido, extraído, interpretado, reescrito, reimaginado e representado. São atividades complexas em que cada “evento” de recepção também faz parte de processos mais amplos. Interações com uma sucessão de contextos, tanto de orientação clássica quanto não clássica, combinam-se para produzir um mapa que às vezes é inesperadamente acidentado com seus altos e baixos, emergências e supressões e, às vezes, metamorfoses.

Partindo deste quadro epistemológico, será realizada uma abordagem sobre a recepção e os usos das cartas de Plínio, o Jovem, em contextos posteriores, buscando identificar as formas interpretativas utilizadas nesses novos contextos. Neste trabalho serão analisadas as cartas 16 e 20 do livro VI. Tais cartas foram dirigidas a Tácito por ocasião da erupção do “monte” Vesúvio e a morte de Plínio, o Velho.

Caius Plinius Caecilius Secundus nasceu por volta de 62 E.C., em *Novum Comum, municipium* da Transpadana. Originário de uma família de proprietários de terras, tinha como nome original *Gaecilius Secundus*, e aderiu ao nome de *Caius Plinius Caecilius Secundus* ao ser adotado pelo seu tio Plínio, o Velho (Citroni *et al.*, 2006, p. 897). No conjunto, sua obra é composta por 368 cartas distribuídas em dez livros. Os nove primeiros foram publicados entre 103 e 109, os quais incluem cartas de caráter privado, escritas para amigos e pessoas próximas. O livro X é constituído de cartas direcionadas ao imperador Trajano, as quais foram enviadas durante o período em que foi governador da província do Ponto-Bitínia (Mennitti, 2015, p. 24). É também autor do *Panegírico de Trajano*, discurso pronunciado por ocasião da posse do consulado (Barbosa, 2020).

As cartas de Plínio, de origem privada,

[...] sem abandonar as informações sobre a política imperial, estendiam-se a uma esfera de problemas mais amplos. Por meio da correspondência podemos entrever a prática social durante os anos de 96-109 E.C., a maneira de viver dos romanos, a vida cotidiana dos senadores tanto na Urbs quanto em suas casas de campo (Venturini, 2017, p. 553).

Dentre as cartas de Plínio, o Jovem, as duas cartas (*Epistulas*. 6.16, 6.20) contendo seu relato são das mais longas que Plínio escreveu. Elas estiveram presentes em praticamente todos os tratamentos a respeito da erupção (e dos locais soterrados) desde então.

Por volta de 106 ou 107 E.C., o historiador Públio Cornélio Tácito escreveu a Plínio, o Jovem, solicitando um relato da morte do tio de Plínio – Plínio, o Velho –, na erupção do monte Vesúvio, em 79 E.C. (6.16.1). Tácito era um contemporâneo, colega um pouco mais velho do jovem Plínio, nascido ca. 56-58 E.C. (talvez no sul da Gália). Como Plínio, ele era um *homo novus* e teve uma carreira semelhante, ganhando os cargos de *decemvir stlitibus iudicandis* (ca. 75-E.C.), *tribunus militum* (ca. 77-79 E.C.), *questor Augusti* (ca. 81 E.C., momento em que ele entrou no Senado), *tribunus plebis* (ca. 85 E.C.) e pretor (datado com segurança de 88 E.C.). Nessa altura, era também *quindecemvir sacris faciundis*, membro do prestigiado colégio sacerdotal de 15 membros que, entre outras funções, mantinha, consultava e interpretava os *Livros Sibílicos*, um conjunto de ditos oraculares que orientavam os rituais expiatórios em tempos de tensão (Parke, 1988). Mais importante ainda, em 88 E.C., eles organizaram os *Ludi Saeculares*, os “Jogos Seculares”, grandes celebrações periódicas que aconteceram pela última vez sob Augusto em 17 e Cláudio em 47 E.C. Tácito tornou-se cônsul em 97 E.C. e, naquele ano, entregou o elogio fúnebre de Vergínio Rufo, tutor do jovem Plínio depois que seu pai morreu. Em janeiro de 100, Tácito e Plínio se uniram com sucesso para processar Mário Prisco por corrupção enquanto procônsul na África em 97-98. Finalmente, sabemos que ele foi nomeado procônsul da Ásia ca. 112-13 e provavelmente teve outras atribuições imperiais (Foss, 2022, p. 87).

Na análise de Pedar Foss (2022), Tácito foi o principal historiador da era imperial romana, especialista em examinar as atrações e falhas do poder, e tem sido igualmente admirado e temido pelos estudantes latinos pela dificuldade intrincada e imprevisível da sua prosa. Ele escreveu uma biografia de seu sogro (*Agricola*, publicada em 98 E.C.), que é a principal fonte literária sobrevivente sobre a Grã-Bretanha romana, um tratado etnográfico sobre os alemães (*Germânia*, ca. 98 E.C.), que mais tarde tornou-se o texto do nacionalismo alemão (pintando selvagens fortes e nobres resistentes a um império cada vez mais decadente e dominador) e um tratado filosófico sobre retórica (*Dialogus de oratoribus*, geralmente datado de cerca de 102 E.C.). Tácito também escreveu duas longas histórias imperiais: a

Historiae, que registra as guerras civis de 69 E.C e a dinastia Flaviana até 96 (publicada por volta de 109-110 E.C.), e os *Annales*, cobrindo o período Júlio-Claudiano desde a morte de Augusto até os últimos dias de Nero (14-68 E.C.), escrito entre ca. 114 e 120 E.C. Nenhuma das histórias sobreviveu de forma completa. Foi para trabalhar em sua *Historiae* que Tácito, por volta de 105-106 E.C., solicitou informações por carta sobre a morte de Plínio, o Velho. Ao todo, sobreviveram onze cartas de Plínio a Tácito – seu correspondente mais frequente – e quatro (ou cinco) outras o mencionam. Infelizmente, a parte da produção de Tácito que cobre o desastre do Vesúvio não sobreviveu, exceto por duas referências fugazes (*Historiae* 1.2, *Annales* 4.67). Felizmente, as cartas de Plínio sim (Foss, 2022, p. 87).

Plínio, o Jovem, respondeu a Tácito com uma narrativa que se estende desde o início da tarde de 24 de agosto, quando, de um local próximo a *Misenum*, uma nuvem incomum, uma precursora da erupção, foi notada pela primeira vez. Plínio narra a tentativa heroica do Ancião de resgatar pelo mar amigos pessoais e outros presos na base do Vesúvio, terminando com sua morte e a descoberta de seu corpo dois dias depois, na manhã do dia 26. Enquanto isso, Plínio acrescenta, em conclusão, que ele e sua mãe (irmã de seu tio) permaneceram em *Misenum* – um fato, diz Plínio a Tácito, sem interesse histórico nem, aliás, relevante, uma vez que Tácito havia perguntado apenas sobre a morte de seu tio (6.16.21). Mas, com o recebimento da carta de Plínio, Tácito evidentemente ficou intrigado com o comentário final de Plínio e escreveu de volta solicitando uma segunda carta, descrevendo “não apenas os terrores, mas também os perigos” que o jovem Plínio havia experimentado quando em *Misenum* (6.20.1). A resposta de Plínio, Carta 20, começa com a partida do Ancião no dia 24 e, a partir desse ponto, narra os movimentos de Plínio e sua mãe dentro e ao redor de *Misenum* durante o período de ausência do Ancião nas noites de 25 e 26. Assim, as duas cartas, embora escritas a partir de diferentes perspectivas, são relatos essencialmente paralelos e síncronos de um único evento natural (e histórico) (Jones, 2001, p. 31).

Porém, Nicholas Jones nos alerta para o fato de que nenhum estudioso procurou expandir o que Plínio nos disse sobre a inter-relação desses dois relatos, ou para considerar como tal inter-relação, caso existisse, pudesse influenciar o significado de cada carta considerada individualmente. Em vez disso, os estudos que aparecem têm se preocupado em grande parte com vários aspectos da erupção, enquanto relativamente menos atenção

tem sido dada às qualidades literárias das duas cartas. Tácito solicitou informações, primeiro, sobre o Plínio, o Velho, e depois, sobre o próprio Plínio, e Plínio respondeu apropriadamente com as cartas 16 e 20. E é certo que parece, à primeira vista, que estamos lidando com dois relatos que, exceto por ambiente comum, são inteiramente distintos e independentes um do outro (Jones, 2001, p. 31).

Consciente de quanto tempo havia passado, Plínio prometeu, em seus relatos, basear-se no que ele próprio testemunhou e no que ouviu imediatamente após a erupção, “quando a verdade é mais lembrada” (Plínio 6.16.22.). Os únicos relatos de testemunhas oculares do desastre que sobreviveram da Antiguidade, as cartas de Plínio, há muito são admiradas por seus detalhes. As passagens nas quais ele descreveu o que experimentou por si mesmo são particularmente valiosas, e seu relato dos estágios, do alcance e da aparência da erupção são amplamente consistentes com as evidências arqueológicas. A imagem que ele pinta de uma coluna de cinzas ascendente seguida por uma prolongada queda de pedra-pomes é de facto tão bem observada que os vulcanologistas classificam agora essas erupções como “plinianas”. É mais difícil comprovar o que Plínio descreveu sobre a bravura de seu tio, mas tudo o que ele escreveu sempre esteve sujeito a dúvidas (Dunn, 2019, p. 43).

Recepção e usos do passado

Para tratarmos da recepção e dos usos do passado, deve-se ter alguma ideia do que a tradição clássica tem significado. Não há, é claro, um momento em que se possa dizer que a Antiguidade terminou e, à medida que instituições, valores e culturas se afastaram gradualmente da Grécia e de Roma – isso levou séculos –, as pessoas perceberam que estavam vivendo em uma sociedade fundamentalmente diferente. Essa diferença foi conscientemente articulada de maneira decisiva no século XIV por Petrarca, cujo polêmico apelo a um renascimento da Antiguidade o levou a definir a Idade Média como o período entre a Grécia e Roma antigas e o seu presente, agora visto como definitivamente passado, e um presente que pode ser influenciado pelo melhor que foi dito e feito naquele passado. Nos séculos seguintes, a literatura, a arte e as estruturas sociais da Antiguidade foram transmitidas a gerações sucessivas, para serem transformadas e absorvidas em novas instituições e culturas.

A ideia de que os clássicos poderiam ser “transmitidos” deriva da etimologia da palavra “tradição”, que vem do latim *tradere*, que significa “transmitir, legar”, estar acontecendo há vários séculos, no entanto, a ideia de uma “tradição clássica” e uma frase para descrevê-la são, na verdade, uma noção moderna (Kallendorf, 2007, p. 1).

O poder do “clássico” não brota, como geralmente se pensa, de sua relação com um passado real ou imaginário, mas de sua relação com valores sociais, políticos e morais atuais que ele ajuda a legitimar (Settis, 2006). Em outras palavras, o “clássico” é ideológico. Uma ideologia pode ser definida como “um conjunto de auto-serviço de crenças [e valores] profundamente arraigados, muitas vezes inconscientes e uma maneira de expressar essas crenças e valores em um ‘discurso legitimador’ que toma como certo uma determinada ordem social estabelecida, mas não inclui uma análise dos mecanismos institucionais que mantêm essa ordem, e pode ser apenas uma contribuição para a eficácia da própria ideologia” (Bourdieu, 1977, p. 188). Desde a Antiguidade, o discurso do “clássico” tem funcionado exatamente dessa forma para legitimar uma ordem social e um conjunto de instituições, crenças e valores que são comumente associados à civilização ocidental e à “nossa” herança cultural ocidental (Schein, 2008, p. 75).

As últimas décadas do século XX viram o impacto da “revolução teórica” na maioria das áreas das Humanidades, e este campo não é exceção. Como mostra Charles Martindale, uma inovação-chave deriva do desenvolvimento da teoria da recepção, especialmente como a praticada desde a década de 1960 na Universidade de Constance por críticos como Hans Robert Jauss e Wolfgang Iser. Conforme Martindale, a recepção “opera com uma temporalidade diferente” da transmissão passiva de material clássico do passado para o presente: envolve “a participação ativa de leitores (incluindo leitores que são eles próprios criativos artistas) em um processo de mão dupla, para trás e para frente, em que o presente e o passado estão em diálogo um com o outro”. A filologia clássica tradicional visa recuperar os significados que os textos antigos tinham em seus contextos originais. Se, no entanto, o leitor é um participante ativo na construção do significado, então será muito difícil – na verdade, talvez impossível –, recuperar o significado original de qualquer texto. Se a interpretação não se baseia simplesmente no sentido original, as diferentes leituras de um texto clássico ao longo do tempo tornam-se não leituras equivocadas, mas as únicas leituras que temos, sendo a nossa simplesmente a última na cadeia de recepções.

Nessa perspectiva, a cadeia de recepções se desloca das margens para o centro, como vem ocorrendo nos trabalhos de um número crescente de estudiosos nas últimas décadas (Kallendorf, 2007, p. 2).

Nos clássicos, como em outras áreas, a erudição tomou algumas reviravoltas desde, digamos, a década de 1980. Algumas transformações ocorreram desde a publicação das obras com o mesmo título *The Legacy of Greece: A New Appraisal*, dos autores Moses Finley (1981) e Richard Jenkyns (1992). Dentre as transformações ocorridas, novas possibilidades de abordagem surgem. Refiro-me a uma recente área de pesquisa que têm despontado no Brasil, com trabalhos de grandes pesquisadores conhecidos nacional e internacionalmente. Trata-se dos “usos do passado”.

Com forte influência das obras de Moses Finley e François Hartog (2003), *Os Antigos: o passado e o presente*, e Arnaldo Momigliano (2004), *As raízes clássicas da historiografia moderna* – os quais trataram dos gregos clássicos e helenísticos e suas tradições e releituras –, muitos trabalhos foram publicados a partir da década de 2000 no Brasil. Pedro Paulo A. Funari, Gláydson Silva e Renata Garraffoni (2020, p. 45), em um artigo publicado na *Revista Brasileira de História* (v. 40), definem da seguinte forma o termo:

Entendemos os usos do passado como uma forma de recepção entre outras possíveis, na qual a mobilização/reutilização do passado assume um caráter pragmático e instrumental, tal como aquela levada a termo durante a Revolução Francesa (Dabdab Trabulsi, 1998a), os diferentes nacionalismos (Geary, 2008) ou pelo nazifascismo (Silva, 2007, p. 25-55; Silva, 2018). Klas-Goran Karlsson (2011) aponta para os usos do passado em caráter científico-acadêmico, existencial, moral, ideológico e político pedagógico como um processo sempre mediado pela cultura. Nesse domínio, o foco reside no significado do uso do passado, naquilo que lhe é acrescido ou suprimido objetivando conferir sentido a uma finalidade (identitária, nacional, de classe, racial, de gênero etc.) no presente, entendida como uma “apropriação indevida” (Fleming, 2006), abuso. Com esse fim, os usos do passado atuam para criação e consumo de uma narrativa que, produzida no presente, não deixa de estabelecer expectativas para o futuro.

Então, na concepção dos autores, diferentemente da “recepção”, que aponta para a verificação da distância entre a gênese e a recriação posterior, os “usos do passado” enfatizam os contextos posteriores. “Assim, cada momento usa o passado para sua própria época, seus interesses e circunstâncias” (Funari *et al.*, 2020, p. 44). Nesse sentido, muitas pesquisas têm se desenvolvido partindo dos estudos pós-coloniais. A teoria pós-colonial, assim como os estudos subalternos, são perspectivas teóricas que permitem reconstruir os espaços de emissão dos discursos em sociedades em que se instalou o saber/poder da colonialidade, destacando o resgate da história, do conhecimento e do sujeito subalterno na luta por autonomia.

Os Plínios

Nas últimas décadas, alguns pesquisadores³ discutiram tratamentos acadêmicos recentes das cartas de Plínio como reunidos em categorias “literárias” (incluindo “intertextuais”), “históricas”, “realistas” ou “instrumentistas”. Tal como esses autores, Pedar Foss concorda que tais categorias são úteis e que se misturam umas com as outras (Foss, 2022). Em *Pliny and the Eruption of Vesuvius*, este autor afirma fazer um exame forense de duas das cartas mais famosas do antigo mundo mediterrâneo: as *Epistulas* 6.16 e 6.20 de Plínio, o Jovem, que oferecem um relato contemporâneo da erupção do Vesúvio em 79 E.C.

Os estudiosos não ignoraram estas cartas; muito pelo contrário, dado o recente e brilhante renascimento dos estudos plinianos, houve a tendência de examinar quer o mundo histórico-social de Plínio, quer o seu mundo literário e, recentemente, a sua intersecção. As equipas científicas também reavaliaram a dinâmica e as características da erupção do Vesúvio e os seus efeitos nas populações, povoações e paisagens em torno da Baía de Nápoles. O que não existiu, no entanto, foi uma avaliação multidisciplinar: as condições de criação das cartas, o seu percurso por meio da tradição manuscrita medieval e os mínimos detalhes do seu conteúdo (Foss, 2022, p. 17).

Durante séculos após a morte do jovem, houve confusão sobre se havia um ou dois Plínios. O problema, em última análise, resultou do fato de que,

³ R.K. Gibson (2020), I. Marchesi (2015), C. Whitton (2018) e G. Woolf (2016) apud Foss, 2022.

na época em que o jovem Plínio começou a publicar, ele havia herdado o legado de seu tio, e assim cada Plínio escreveu sua própria obra com o mesmo nome: *Caius Plinius Secundus*. O jovem Plínio pode ter desejado a imortalidade por meio de seus escritos, mas foi a *História Natural* de Plínio, o Velho, que foi consultada, referenciada e extraída com muito mais frequência. O ressurgimento *post-mortem* do jovem não aconteceu imediatamente; nossa primeira referência clara ao seu trabalho vem de *Quintus Septimius Florens Tertullianus* (Tertuliano), de Cartago, um convertido que escreveu os primeiros tratados cristãos em latim. Em 197 E.C., ele escreveu o *Apologeticus*, uma defesa da religião; em 2,6-8, ele trata da famosa correspondência de Plínio e Trajano sobre os cristãos na província da Bitínia e do Ponto (Plínio, o Jovem. *Epistulas*. 10, 96-97). Tertuliano não revela se a confusão dos Plínios existia nesta data, mas foi mostrada logo depois, no mais alto nível da corte imperial, pelo professor de Geta e Caracalla, filhos do imperador Septímio Severo: *Serenus Sammonicus* (Foss, 2022, p. 90-91).

De acordo com Foss (2022, p. 91), *Sammonicus* tinha a reputação de ter uma biblioteca de 62.000 volumes; ele era um “antiquário” erudito (*doctus*) com um traço crédulo. Ele escreveu um *Liber Medicinalis* em verso hexâmetro que extraiu suas prescrições em grande parte do livro *História Natural* de Plínio, o Velho e um *Res Reconditae* (“Coisas Ocultas”), em vários volumes, partes das quais são preservadas pelo escritor Macróbio. Na *Saturnália* 3.16.5-7, depois de discutir o preço do esturjão durante o reinado de Trajano – ao fazê-lo, citando Plínio, o Velho (*Historia Naturalis* 9.60) – Macróbio cita Sammônico: “*Plinius, ut scitis, ad usque Traiani imperatoris venit aetatem*” (“Plínio, como você sabe, viveu até a época do imperador Trajano.”). Sammônico confundiu claramente os dois Plínios, e ele não foi o único: *ut scitis* (como você sabe) presumiu que seus leitores consideravam isso de conhecimento comum.

Eusébio Hierônimo Sophronius (Jerônimo), que traduziu a Bíblia Vulgata latina em várias cartas e tratados teológicos, em grande parte escritos em seus últimos anos entre ca. 392 e 395 E.C., frequentemente refere-se e alude às *Epistulas* do jovem Plínio (Jerônimo. *Epistulae*. 40.18). Mas nos comentários sobre Isaías e Ezequiel, Jerônimo revela confusão sobre a identidade de Plínio. No livro 15 de seu comentário sobre Isaías (referenciando o capítulo 54, versículos 11-12), que menciona pedras preciosas, Jerônimo escreve: “[...] *Plinium Secundum, eundem apud Latinos oratorem et philosophum, qui in opere pulcherrimo Naturalis Historiae tricesimum septimum librum*

[...], “[...] *Plinius Secundus*, orador e filósofo entre os romanos, que no 37º livro de sua obra mais ilustre, a *História Natural* [...]”. O livro 37 do *História Natural* trata de pedras preciosas, e o Ancião Plínio foi uma espécie de filósofo, mas certamente não era um orador como o seu sobrinho.

Nenhum Plínio aparece na menção da Crônica ao Vesúvio para 79 E.C.: “*Mons Vesuvius ruptus in vertice tantum ex se iecit incendii, ut regiones vicinas et urbes cum hominibus exurere*” (“O Monte Vesúvio, tendo irrompido de seu topo, jogou fora então tanto material ígneo de si mesmo que queimou regiões e cidades vizinhas junto com suas populações”). Esta passagem altamente destilada pode ecoar partes do relato de Cássio Dio em grego (66.20-23). Embora Jerônimo claramente tivesse acesso a algumas das cartas de Plínio, não está claro se ele as leu todas. A disseminação das *Epistulas* foi muitas vezes fragmentada; nem todos os autores e nem todas as partes do Império tiveram acesso igual ao mesmo tempo. Mas durante o final do século IV E.C., Décimo Magno Ausônio, Quinto Aurélio Símaco, Aurélio Ambrósio (Ambrósio) e o autor desconhecido do *Epítome de Caesaribus* revelam conhecimento das *Epistulas* de Plínio. Na análise de Pedar Foss (2022, p. 92), duas coisas haviam acontecido. Primeiro, o chamado latim da “Idade da Prata” (do primeiro ao início do século II E.C.) estava desfrutando de um renascimento. Em segundo lugar, por volta de 300 E.C., uma grande mudança de formato começou a ocorrer; o códice de pergaminho começou a substituir o rolo de papiro, impulsionado em grande parte pela crescente preferência da população cristã pelo formato de livro. A transferência de textos para o novo formato acelerou-se e muitos livros que haviam caído em relativa obscuridade voltaram à atenção de estudiosos, escritores e patronos. As epístolas de Plínio parecem ter estado nesta categoria.

Em sua pesquisa, Foss confirma que o poeta, epistológrafo e bispo aristocrático Sidônio Apolinário certamente conhecia as cartas de Plínio. Ele as leu cuidadosamente, citou-as, fez alusões em suas próprias cartas e presumiu que seus leitores também estivessem familiarizados com o *corpus*. Ele também sabia que havia dois Plínios (embora não que compartilhassem o mesmo nome completo); em sua carta a *Claudianus Mamertus* 4.3.1, ele observa: “*Plinii, vel avunculus vel Secundus*” (“O Plínio, seja o tio ou Secundus”) (Foss, 2022, p. 91).

Em algum momento entre ca. 1313 e 1320 em Verona, *Johannes Mansionarius* (Giovanni de Matociis) consultou um manuscrito (chamado “ γ ” na tradição acadêmica) das *Epistulas* de Plínio na Biblioteca Capitolare di Verona, e escreveu duas páginas intituladas *Brevis adnotatio de duo-*

bus Plinius (“Um breve relato dos dois Plínios”), que resolveram a questão. Finalmente, durante o século XV, com a chegada da imprensa e a prática da crítica textual formal, os estudiosos começaram a designar os dois indivíduos como *Plinius Iunior*/Menor, “Plínio, o Jovem” e *Plinius Senior*/Maior, “Plínio, o Velho”. Eles também começaram a tentar determinar qual poderia ter sido o texto original oficial. A chave para entender como isso aconteceu é examinar a tradição manuscrita, ou seja, os caminhos pelos quais os manuscritos mestres originais das *Epistulas* de Plínio se dispersaram e divergiram por meio da publicação (à medida que os escribas cometeram erros em suas cópias), ao longo de mais de um milênio. O arco de esforços – desde estudiosos medievais e renascentistas que roubam e lutam por textos, até filólogos do século XX que apresentam os seus melhores argumentos e suposições sobre as epístolas originais – é tratado na obra de Pedar Foss.⁴

A redescoberta de Pompeia e seus usos

Os cadáveres de Pompeia sempre foram uma das imagens mais poderosas e chamativas da cidade arruinada. Nas primeiras escavações, feitas nos séculos XVIII e XIX, os esqueletos foram convenientemente “descobertos” na presença da realeza e outros dignitários. Viajantes românticos discorriam animadamente ao pensar no cruel desastre que afetara as pobres almas cujos restos mortais tinham diante de si, para não mencionar as reflexões mais amplas sobre a perigosa fragilidade da existência humana que a experiência evocava (Beard, 2016, p. 14).

Após o anoitecer da noite de 28 de março de 1766, o monte Vesúvio, um cone imponente no lado leste da Baía de Nápoles, explodiu em fumaça negra, pedras incandescentes e um rio de lava. Conforme a narrativa de

⁴ Depois que todas as *Epistulas* de Plínio foram publicadas perto do final da primeira década do primeiro século (como volumina, “rolos de papiro”), elas tiveram que ser copiadas e compartilhadas (no todo ou em partes) para sobreviver. A história desse processo, pelo qual diferentes versões das cartas foram eventualmente convertidas de pergaminho em códice, fragmentadas, copiadas seletiva ou erroneamente, avaliadas, comparadas, interpoladas e reconstituídas, é a “tradição do manuscrito”. A metodologia disciplinar para recuperar essa tradição é a “estematologia”, a recuperação das árvores genealógicas (Foss, 2022, p. 124).

Pedar Foss (2022, p. 24), observando o riacho vermelho brilhante estava um aristocrata britânico de 35 anos, alto, magro e impecavelmente vestido, que estudava a montanha há cerca de 18 meses. Ele estava esperando por esse momento. William Hamilton reuniu seus amigos e, em vez de fugir do calor, eles imediatamente subiram a encosta. “Aproximei-me da boca do vulcão o mais perto que pude com prudência”, escreveu ele. E continuou:

[...] a lava tinha a aparência de um rio de metal incandescente e líquido, tal como vemos nas estufas, sobre as quais havia grandes cinzas flutuantes, meio acesas, rolando umas sobre as outras com grande precipitação pela encosta da montanha, formando uma cascata belíssima e incomum (Hamilton, 1773, p. 6-7).

Hamilton passou várias noites no Vesúvio, apesar dos ferimentos de três compatriotas. Ele acabaria por partilhar a sua compreensão deste fenômeno natural violento com o mundo de língua inglesa numa publicação visualmente deslumbrante: *Campi Phlegraei* (1776), e o seu *Suplemento* (1779). O seu trabalho baseou-se no desenvolvimento da ciência da vulcanologia que investigadores italianos, espanhóis e alemães tinham estimulado desde o recomeço das erupções, em 1631. O seu fascínio também foi inspirado por um exemplo antigo: o Ancião Plínio (Plínio, o Velho), que morreu em busca de uma iluminação semelhante. Plínio, o Velho, foi um cientista, filósofo e almirante da frota imperial. A curiosidade sobre uma erupção na tarde de 24 de agosto de 79 E.C. o levou a navegar pela Baía de Nápoles. A investigação logo se transformou em uma missão de resgate para amigos perdidos, mas terminou em desastre na manhã seguinte em *Stabiae*, quando ele foi alcançado por uma corrente de densidade piroclástica que destruiu as cidades e fazendas da costa mais fértil do Império Romano.

Hamilton subiria ao Vesúvio 68 vezes e observaria três erupções, fazendo medições, desenhos e reunindo diversos detalhes vulcanológicos. E embora ele colecionasse armários cheios de espécimes geológicos e artefatos antigos, foram suas cartas, desenhos e livros detalhados para a *Royal Society* – compartilhando estudos em uma época em que as notícias das escavações das antigas Pompeia e Herculano ainda eram restritas – que geraram novas abordagens científicas para estudar a catástrofe antiga. Numa carta ao naturalista Joseph Banks, Hamilton admitiu que outros amantes dos vulcões começaram a chamá-lo de “Plínio moderno” (Foss, 2022, p. 24).

Um dos objetos mais celebrados nos primeiros anos das escavações era uma gravura de um seio feminino encontrada em uma casa grande (chamada Vila de Diomedes) nos arredores das muralhas da cidade nos anos 1770. Quase um século antes do aperfeiçoamento da técnica de confecção de moldes de gesso nas cavidades corporais, os detritos sólidos permitiram aos escavadores verem a forma completa dos mortos, suas roupas e até os seus cabelos moldados pela lava. A única parte deste material que eles conseguiram extrair e preservar em boas condições foi aquele seio, que foi exposto em um museu próximo e logo se tornou uma atração turística. Com o tempo, tornou-se também uma inspiração para o famoso romance de Théophile Gautier, *Arria Marcella, lembrança de Pompeia*, de 1852. No romance, apaixonado pelo seio que viu no museu, um jovem francês regressa à antiga cidade (numa estranha combinação de viagem no tempo, desejo e fantasia) para encontrar, ou reinventar, a sua amada – a mulher dos seus sonhos, uma das últimas ocupantes romanas da Vila de Diomedes. Infelizmente, apesar da notoriedade, o seio desapareceu, e nem uma intensa busca nos anos 1950 levou a pistas sobre sua localização. Uma teoria é que a leva de incursões invasivas de pesquisadores no século XIX terminou por causar a sua desintegração, como se tivesse ido do pó às cinzas (Beard, 2016, p. 15).

O poder dos mortos de Pompeia sobrevive até hoje, seja por meio da literatura ou do cinema, como o caso da recente produção.⁵ O poema de Primo Levi (1978), “A menina de Pompeia”, por exemplo, parte do molde de gesso de uma menininha encontrada agarrada à mãe (“Como se, quando o céu diurno escureceu/ Você quisesse entrar nela de novo”) para refletir sobre os destinos de Anne Frank e uma estudante anônima de Hiroshima – vítimas de desastres provocados não pela natureza, mas pelo homem (“O tormento que os céus nos mandam são o suficiente/ Antes que seu dedo aperte, pare e considere”). Em 1953, dois moldes tiveram um papel especial em *Viagem à Itália*, de Roberto Rossellini, saudada como “a primeira obra do cinema moderno”, apesar do seu fracasso comercial.

Mas não há só vítimas humanas preservadas desta forma. Um dos mais famosos e evocativos moldes é o de um cão de guarda encontrado amarra-

⁵ *Pompeia* (2014). O longa, estrelado por Kit Harington, direção de Paul W.S. Anderson e roteiro de Paul W.S. Anderson e Janet Scott Batchler, aborda a famosa erupção do Vesúvio em meio a um romance: Milo, um escravo que se tornou um gladiador e tenta salvar a sua amada diante da destruição da cidade de Pompeia.

do ao seu poste na casa de um abastado pisoador (que lavava e amaciava os tecidos). Ele morreu tentando desesperadamente se desvencilhar da corrente (Beard, 2016, p. 15-16).

Na análise de Mary Beard, certamente o voyeurismo, o *pathos* e a curiosidade mórbida contribuem para tornar estes moldes atraentes. Mesmo os arqueólogos mais pragmáticos podem apresentar descrições sombrias dos estertores da morte e da quantidade de corpos atingidos pelo fluxo piroclástico (“os cérebros devem ter fervido...”). Para os visitantes do sítio arqueológico, onde alguns moldes ainda são exibidos perto de onde foram encontrados, eles produzem algo semelhante ao “efeito da múmia egípcia”: as crianças pequenas apertam o nariz contra as caixas de vidro com gritos de horror enquanto os adultos recorrem às máquinas fotográficas, mal disfarçando o seu fascínio por aqueles restos dos mortos.

Mas a morbidez não é tudo. O impacto causado pelas vítimas (estejam elas totalmente recompostas em gesso ou não) também provém do sentimento de contato imediato com o mundo antigo que elas oferecem, das narrativas humanas que nos permitem reconstruir e das escolhas, decisões e esperanças de pessoas reais com as quais podemos ter empatia através dos séculos.

A ciência moderna pode contribuir para estas histórias de vida individuais. Podemos fazer melhor que as gerações anteriores e espremer todo tipo de informações pessoais dos próprios esqueletos sobreviventes: a partir de mensurações relativamente simples, como a altura e a estatura da população (os antigos habitantes de Pompeia eram ligeiramente mais altos do que os napolitanos modernos) a vestígios que apontam doenças infantis e ossos quebrados, até pistas sobre relações familiares e origem étnica que começam a despontar com a análise do DNA e outros exames biológicos (Beard, 2016, p. 17).

Atualmente, muitos debates sobre o Fórum e as instituições pompeianas e desacordos continuam a animar as conferências arqueológicas. São temas da guerra acadêmica e dos ensaios estudantis. Mas, seja como for que os resolvam (se isto acontecer), uma coisa é absolutamente certa: a “nossa” Pompeia não é uma cidade romana com uma vida normal que foi subitamente “congelada” no tempo, como afirmam tantos livros de viagem e folhetos turísticos. Ela é um lugar muito mais desafiador e instigante. Interrompida e perturbada, evacuada e pilhada, ela guarda as marcas (e as cicatrizes) de vários tipos de casos, e subjazem ao que Mary Beard (2016, p. 25) denomina o “paradoxo de Pompeia”: o de que, ao mesmo tempo,

sabemos muitíssimo e muito pouco sobre a vida antiga lá. Finalizo, assim como Mary Beard em sua análise, com uma velha piada entre os arqueólogos que diz que Pompeia morreu duas vezes: primeiro houve a morte súbita, causada pela erupção; depois, a morte lenta, que começou com o início das escavações, na metade do século XVIII (Beard, 2016, p. 27).

Dentre os variados usos das cartas de Plínio, o Jovem, a respeito da erupção do Vesúvio, neste artigo buscou-se refletir sobre o caminho percorrido pelas cartas de Plínio a Tácito no decorrer da história, e o levantamento de alguns trabalhos que tiveram por tema questões relacionadas ao acontecimento. Trabalhos de cunho poético, artístico e historiográfico. Faz-se necessário ressaltar a importância deste relato único, referente a este acontecimento considerável, o qual alimentou muitos trabalhos e pesquisas acadêmicas com variadas temáticas. Essas pesquisas possibilitaram e continuam a possibilitar o tratamento de questões relacionadas à Biologia, à Geografia e à História, em que antigas produções são analisadas à luz dos estudos contemporâneos. Pesquisas inéditas também têm sido abundantes com o uso de tecnologias desenvolvidas para tais análises, como na Arqueologia, por exemplo. A escavação do sítio permanece e a cada descoberta novos estudos surgem, trazendo à tona aquelas vozes de mulheres, crianças, escravos e libertos, entre outros, que foram silenciadas naquele mês de agosto de 79 E.C.

Documentação escrita

PLINY THE ELDER. *Natural History*. Edited and translated by Rackham, H., W. H. S. Jones, A. C. Andrews e D. E. Eichholz. Loeb Classical Library Edition. Cambridge: Harvard University Press, 1938-1963.

PLINY THE YOUNGER. *Letters*. Edited and translated by William Melmoth. Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press. 1958.

_____. *The Letters of the Younger Pliny*. Translated by B. Radice. London: Penguin Books, 1969.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Renata C. As Mulheres nas Epístolas Plinianas: *Exempla Ousadia. Mythos*, Imperatriz, Ano IV, n. 1, 2020.

BEARD, Mary. *Pompeia: a vida de uma cidade romana*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

- BOURDIEU, Pierre. *Outline of a Theory of Practice*. Translated by Richard Nice. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- CITRONI, Mario (Dir.); CONSOLINO, F. E.; LABATE, M.; NARDUCCI (orgs.). *Literatura de Roma Antiga*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.
- DUNN, Daisy. *In the Shadow of Vesuvius: A Life of Pliny*. London: William Collins, 2019.
- FOSS, Pedar W. *Pliny and the Eruption of Vesuvius*. London and New York: Routledge, 2022.
- FUNARI, Pedro. P. A; GARRAFFONI, Renata S.; SILVA, Glaydson J. Recepções da Antiguidade e usos do passado: estabelecimento dos campos e sua presença na realidade brasileira. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 40, n. 84, 2020.
- HAMILTON, W. *Observations on Mount Vesuvius, Mount Etna, and Other Volcanos, in a Series of Letters, Addressed to the Royal Society*. 2nd ed. London: Cadell, 1773.
- HARDWICK, Lorna; STRAY, Christopher. *A Companion to Classical Receptions*: Blackwell Companions to the Ancient World: Wiley-Blackwell, 2008.
- JONES, Nicholas F. Pliny the Younger's Vesuvius Letters (6.16 and 6.20). *The Classical World*, v. 95, n. 1, p. 31-48, Autumn, 2001.
- KALLENDORF, Craig W. (ed.). *A Companion to the Classical Tradition*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd., 2007.
- MENNITTI, Danieli. *As Mulheres não tão silenciosas de Roma: representações do feminino na Literatura Trajânica (Juvenal e Plínio, o Jovem)*. Dissertação (Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2015.
- PARKE, H. W. *Sibyls and Sibylline Prophecy in Classical Antiquity*. Edited by B. McGing. London: Routledge, 1988.
- SCHEIN, Seth L. Our Debt to Greece and Rome: Canon, Class and Ideology. In: HARDWICK, Lorna; STRAY, Christopher (eds.). *A Companion to Classical Receptions*: Blackwell Companions to the Ancient World. Hoboken: Wiley-Blackwell, 2008. p. 75-85.
- VENTURINI, Renata Lopes Biazotto. Plínio, o jovem, e a História: eloquência e posteridade. In: SILVA, Glaydson José da; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). *A ideia de História na Antiguidade Clássica*. São Paulo: Alameda, 2017. p. 555-580.